

EVANGELISMO LGBTQIA+ EM CUBA

Etnografando atos de comunicação das igrejas da comunidade metropolitana¹

<http://dx.doi.org/10.25091/S01013300202500010009>

ARAMIS LUIS SILVA*

RENATA REVERENDO VIDAL NAGAMINE**

OLÍVIA ALVES BARBOSA***

RESUMO

Este artigo apresenta a etnografia de uma viagem missionária da Igreja da Comunidade Metropolitana a Cuba, feita em 2016. Nosso objetivo é demonstrar como agentes sociais brasileiros e cubanos, religiosos e políticos institucionalizados, entrelaçam as linguagens da religião e dos direitos, produzindo uma “espiritualidade revolucionária”. Para demonstrá-lo, trabalhamos com dados de pesquisa de campo e interagimos com a literatura sobre performatividade.

PALAVRAS-CHAVE: *Religião; direitos; performatividade; gênero*

Evangalism in Cuba: Ethnographing Communication Acts of Metropolitan Community Churches

ABSTRACT

This article presents the ethnography of the Metropolitan Community Churches’ missionary trip to Cuba in 2016. Our aim is to demonstrate how Brazilian and Cuban religious and politically institutionalized social agents intertwine the languages of religion and law, thereby crafting a “revolutionary spirituality”. To achieve this, we rely on data from fieldwork and interact with the literature on performativity.

KEYWORDS: *Religion; rights; performativity; gender*

[*] Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: aramisluis@uol.com.br

[**] Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: renagamine@gmail.com

[***] Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: oliviabarbosa@usp.br

[1] Pesquisa financiada pela Fapesp (processos n. 2021/14038-6 e 2022/16449-6).

INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisaremos como as linguagens do direito e da religião são usadas para dar plausibilidade a uma imaginação de ordem sociopolítica secular. Faremos isso por meio da reconstrução de uma viagem missionária a Cuba, entre 9 e 19 de maio de 2016, organizada pela Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), uma rede transnacional de núcleos cristãos formados majoritariamente por pessoas gays e transgênero. Participaram dessa viagem missionária pastores LGBTQIA+ brasileiros.

Cuba é conhecida pelo controle estatal sobre as práticas religiosas e pela tensão com relação à população LGBTQIA+. Logo após a revolução, o governo cubano adotou uma conduta oficialmente secular e anticlerical, promovendo o ateísmo como parte do socialismo. A postura em relação à homossexualidade na sociedade cubana é justificada muitas vezes em termos de “valores tradicionais”. A perseguição contra homossexuais sob os regimes socialistas não era incomum e refletia uma visão da homossexualidade como um desvio burguês ou decadente (Green, 2003).

Neste artigo, discutiremos como agentes brasileiros e cubanos, religiosos e políticos institucionalizados, usaram as linguagens do direito e da religião para falar a audiências que estavam a distâncias variadas da ICM. Nosso argumento é o de que as lideranças da igreja entrelaçam essas linguagens ao falar com públicos diferentes, redefinindo as fronteiras do secular com aquilo que denominamos atos de comunicação.

O universo empírico deste artigo dialoga com um conjunto de textos que inaugurou o estudo de instituições religiosas que estabeleceram relação com a não heterossexualidade e a transgeneridade. Essas novas entidades são denominadas igrejas inclusivas. No que se refere à produção científica, este texto se vale de estudos precedentes da ICM (Jesus, 2010; 2012) e de outras denominações cristãs (Natividade, 2010), bem como de suas pastorais no Brasil (Silva, 2019). Além disso, constrói-se em relação com pesquisas que analisam a agência de lideranças brasileiras da ICM (Silva, 2015) e suas estratégias de visibilização do religioso (Montero; Silva; Sales, 2018; Barbosa et al., 2021; Silva, 2016).

Em etnografia anterior das estratégias de comunicação da ICM em cenas brasileiras (Barbosa; Silva; Nagamine, 2023), consideramos a linguagem da religião uma corda que os agentes tocam para fazer funcionar uma sensibilidade forjada pelo uso da linguagem dos direitos humanos. Nesse novo campo etnográfico, mostramos como as lideranças da ICM ressignificam a ideia de luta revolucionária por meio da linguagem religiosa em uma sequência de práticas rituais. Entendemos que, por meio dessas práticas, as lideranças conectam a revolução às demandas de inclusão das pessoas LGBTQIA+ na ordem sociopolítica formuladas na linguagem dos direitos humanos. Como demonstraremos, o uso performático dessas duas linguagens molda a ideia de uma “espiritualidade revolucionária” e, por meio do agenciamento desta, projeta uma imagem alternativa de ordem que incorpora a diversidade de gênero e orientação sexual.

Para analisar esse processo, recorremos ao conceito de atos de fala. Esse conceito já tem uma longa tradição, que remonta, por um lado, aos escritos de John Austin (1962) e de John Searle (2011) e, por outro, à antropologia linguística (Silverstein, 1976; Rosaldo, 1982). No artigo,

optamos por trabalhar especificamente com a reconstrução do conceito elaborado por Judith Butler (2021).

JUDITH BUTLER E O CONCEITO DE ATOS DE FALA

Judith Butler (2021) se apropria da concepção austiniana sobre o performativo para pensar a construção social e subjetiva do gênero, que, para ela, inclui a orientação do desejo. Sua abordagem nos serve aqui porque, ao refletir sobre Austin, ela amplia suficientemente o conceito de performativo para nele enquadrarmos a dimensão corporal das práticas ritualísticas da ICM. A discussão sobre o performativo e a performatividade, por seu turno, ajuda-nos a compreender a produção de contextos que enquadram as interações sociais e suas transformações por meio dos usos da linguagem.

Como Butler pensa os atos de fala? E por que chamaremos os atos discursivos analisados aqui de atos de comunicação?

Em ensaio sobre a performatividade de discursos injuriosos, Judith Butler (2021) retorna aos escritos de John Austin e Louis Althusser para construir uma teoria que ajuda a compreender a agência da linguagem, a interpelação dos sujeitos por seus Outros e, ao mesmo tempo, a não determinação dos interpelados. Essa terceira dimensão de sua abordagem denota a preocupação da teórica de afastar um perigo que ronda as elaborações sobre o paradigma linguístico: a sobredeterminação dos sujeitos, a impossibilidade lógica da agência individual.

Para Butler (2021), o potencial transformador da linguagem está associado a um desdobramento inesperado no tempo. A seu ver, desdobramentos de um ato de fala instauram temporalidades distintas. O passado, materializado nas convenções, dá sentido aos discursos presentes, ao passo que o futuro é o tempo no qual os sentidos se projetam: é um tempo sobre o qual o presente do pretérito faz sombra.

Os agentes evocam, segundo Butler (2021), convenções sociais de forma ritualizada na cena da enunciação. Uma das implicações dessa proposição é que a eficácia performativa de um ato de fala, ou seja, aquilo que os agentes fazem falando, manifesta-se no momento da palavra em ação. Mas, por força do caráter ritualístico dos atos de fala, os enunciados dos agentes excedem a si mesmos, em razão de uma historicidade condensada que se estende tanto ao futuro quanto ao passado. Por isso, as convenções sempre estão, para Butler, sob um inevitável risco de descontinuação e esta abre espaço para a transformação. Porque os enunciados excedem a si mesmos, só compreendemos a força dos atos de fala quando consideramos o que Butler chama de situação de fala total.

A situação de fala total se refere ao contexto no qual ocorre um ato de fala. Compreende as palavras enunciadas pelo falante, o ambiente

físico, social e cultural em que a interação ocorre, as relações entre os participantes da comunicação e a relação entre passado e futuro dentro do contexto de interação. Ou seja, quando pensamos em atos de fala, importam tanto o momento presente quanto os acontecimentos passados e as expectativas futuras.

Falar com uma audiência, para Butler, é, assim, estabelecer relação com suas memórias, que são refeitas pela imaginação. O passado molda o presente tanto por um histórico de interações anteriores à cena em que se encontram os participantes quanto por padrões de comunicação forjados ao longo do tempo. Do mesmo modo, as expectativas em relação ao futuro moldam a forma da enunciação na medida em que os participantes se orientam para seduzir a audiência. Como afirma Shoshana Felman, ex-orientadora de Butler e uma de suas interlocutoras na discussão,

a palavra é o campo do erotismo, e não simplesmente um meio de ascender a esse campo. Seduzir é produzir uma linguagem que goza, uma linguagem que goza do ‘mais a dizer’. Seduzir é, portanto, fazer durar, no interior de uma fala desejante, a performance gozosa da própria produção dessa fala. (2022, p.41)

Na perspectiva butleriana do problema, o contexto importa porque os efeitos dos atos de fala, como atos que, sendo falados, fazem, raramente se produzem de imediato. Segundo Butler (2021), esses atos falados fazem porque, independentemente das intenções dos agentes, eles incluem os sujeitos interpelados pela fala na linguagem, e não porque o conteúdo do que dizem ou ritualizam se realiza de imediato. E, ao incluírem sujeitos interpelados na linguagem, abrem espaço para que a ordem social se reconfigure.

Entendemos que a audiência é uma dimensão crucial da etnografia e que, apesar de todos os ganhos que nos oferece, a abordagem butleriana dos atos de fala não lhe dá uma dimensão de destaque.

Em nossa etnografia, evidenciaremos que a audiência importa na medida em que as agentes sob observação discursam pretendendo certos efeitos, mas, ao mesmo tempo, não sabem como serão interpretadas e não têm como controlar a interpretação de suas falas. Se as agentes, de modo geral, ignoram os efeitos daquilo que performam, a direção de suas performances é delimitada e informada pelas reações das audiências, que não se comportam como receptores passivos. Agentes e audiências se constroem mutuamente.

Para compreender a dinâmica entre as agentes observadas em Cuba e as audiências a que falaram, propomos um deslocamento conceitual da ideia de atos de fala para atos de comunicação. Com esse deslocamento, não estamos apontando propriamente para uma

limitação do conceito de atos de fala e, sim, lidando com uma demanda da própria etnografia: descrever práticas discursivas e ritualizadas que são situadas (contextuais) e corporificadas a partir de agentes que ganham inteligibilidade em face de grupos sociais constituídos como audiências, sem capturar e reificar, ao mesmo tempo, aquilo que descrevemos (Butler, 2021). Trata-se de uma noção a ser construída. A presente etnografia é parte dessa construção.

MARGARITA E MARIELA, ATADORAS DE NÓS EM CAMPO

Para organizar os dados que sustentam nosso argumento, vamos analisar primeiro a forma de comunicação de uma das lideranças religiosas em missão: Carmen Margarita Sánchez De León, bispa negra e lésbica porto-riquenha, parcialmente surda e, na época, membro do Escritório para os Ministérios Emergentes da Igreja da Comunidade Metropolitana (Metropolitan Community Church — Office of Emerging Ministries), que apoiava o desenvolvimento das comunidades nascentes da ICM na América Latina. Prestes a completar sessenta anos e residindo na Cidade do México, com sua esposa e filhos gêmeos, a bispa, ordenada pastora em 1988, foi diretora-executiva da Anistia Internacional em Porto Rico e recebeu o Stonewall Awards, da Anderson Prize Foundation, em 1998. Na ICM, assumiu comunidades religiosas em Porto Rico e no Reino Unido.

Filha de um funcionário público, a bispa Carmen Margarita, como é conhecida pelos frequentadores da ICM, é protestante de terceira geração da Igreja Evangélica Unidade de Porto Rico. Segundo ela, sua igreja de origem pratica um conservadorismo de costumes, expresso na proibição de festas, bebidas alcoólicas, tabagismo etc., mas deu-lhe acesso ao cabedal discursivo da Teologia da Libertação.

Em sua juventude, Carmen Margarita foi monitorada pelo Federal Bureau of Investigation (FBI) em razão do seu ativismo por direitos, mas seu suposto vínculo com grupos independentistas foi descartado pelo órgão estadunidense. Carmen Margarita conta que, ao ler o dossiê produzido pelo FBI, soube que tinha sido considerada inofensiva por conta da sua formação cristã.

Sem nunca ter vivido fora da igreja, mesmo depois de ter se assumido lésbica, Carmen Margarita adquiriu notoriedade no campo do ativismo por direitos após o sucesso de duas campanhas que liderou em Porto Rico: pela inclusão no Código Penal de punições para violações dos direitos humanos; e pela invalidação da Lei de Sodomia.²

A campanha pela descriminalização de práticas sexuais enquadradas como sodomia teve desdobramentos entre 1990 e 2000 nos Estados Unidos e em Porto Rico. Em 1997, Carmen Margarita, que já era uma conhecida, apresentou-se às autoridades do Estado como

[2] Nos Estados Unidos, dos quais Porto Rico é um território, a inconstitucionalidade das leis de sodomia só foi declarada em 2003, em decisão da Suprema Corte no caso *Lawrence versus Texas*. Em 2004, o Código Penal porto-riquenho foi finalmente alterado.

uma mulher lésbica e exigia ser presa pela violação do artigo 103 do Código Penal. As autoridades se recusaram a prendê-la, alegando que ela não podia ser processada porque lhe faltava um “membro viril”. O ato de Carmen Margarita fazia parte de um esforço cívico mais amplo para que a Lei de Sodomia fosse declarada inconstitucional (La Fountain-Stokes, 1999).

Da perspectiva de Judith Butler (2021) e Shoshana Felman (2022), a performance política de Carmen Margarita vai além da evidência da invalidade da Lei de Sodomia. Sua intenção é inscrever a homossexualidade feminina na ordem social porto-riquenha. De acordo com Felman (2022), é por sermos interpelados nos termos da linguagem que certa existência social do corpo se torna possível. Em outras palavras, receber um nome (lésbica, homossexual, sapatão, sodomita, queer etc.) é também uma das condições pelas quais um sujeito se constitui na linguagem, na medida em que mesmo uma denominação ofensiva introduz no discurso um sujeito que poderá utilizar a linguagem para responder à ofensa (Butler, 2021). Assim, ao se apresentar publicamente como lésbica, Carmen Margarita evocou para si o chamamento estatal e inscreveu-se num circuito possível de reconhecimento.

A ação de Carmen Margarita tem uma dupla dimensão. Por um lado, evidencia a invisibilidade da homossexualidade feminina, que parece duplicar a invisibilidade da sexualidade das mulheres. Em *Problemas de gênero* (2018), Butler nos ajuda a pensar sobre essa dimensão como um efeito do funcionamento do que ela chama de heteronorma. À semelhança de Michel Foucault (2020), Butler entende que as normas sociais são padrões por definição compartilhados, que funcionam na sociedade moldando, por um lado, ordens e, por outro, subjetividades. No caso da heteronorma, argumenta que ela funciona tornando o desejo feminino irreconhecível para as próprias mulheres e plausível a ideia de que ele é modelado pelo desejo masculino (Butler, 2018).

O funcionamento da heteronorma, tal como Butler (2018) o descreve, sustenta a fantasia socialmente compartilhada de que é o membro viril que dá forma ao desejo. Para essa fantasia, todo desejo é, então, masculino: ou é desejo de um homem, ou é desejo por um homem. Por outro lado, se analisamos a ação de Carmen Margarita como uma confissão e esta como um ato de comunicação, percebemos que a força da locução depende da percepção da audiência, e essa percepção é mediada pela própria forma que chamamos aqui de confissão, pela relação, necessariamente contingente, que a audiência tem com ela. Ao agir confessando, Margarita não poderia ter certeza dos efeitos de seus atos, que se mostraram bem-sucedidos na descriminalização da homossexualidade em Porto Rico, mas ineficientes,

por exemplo, para alcançar a legitimidade da sexualidade lésbica. Em outras palavras, não há nada que assegure que atos de fala produzirão efeitos, nem que produzirão todos os efeitos pretendidos.

Como sustentaremos nas páginas seguintes, a performance de qualquer sujeito de fala se molda e se reinventa no ritmo de suas interações com interlocutores interessados em suas falas. No caso dos novos atos de fala de Carmen Margarita, demonstraremos isso com base na análise da relação que se estabeleceu entre ela e a cubana Mariela Castro Espín, membro do Partido Comunista, deputada, diretora do Centro Nacional Cubano de Educação Sexual (Cenesex), sobrinha de Fidel Castro e filha da feminista Vilma Espín e de Raúl Castro, líder do estado-maior cubano na época da visita.

Muitas vezes apresentada como doutora, Mariela Castro nos interessa como uma agente corporificada que também personifica relações de parentela transversais no Estado: uma agente do universo social de Cuba na qual se interseccionam o Estado e a sociedade civil. É de sua autoria, por exemplo, a lei que instituiu em 2008 a cirurgia de mudança de sexo gratuita para pessoas transgênero em Cuba. Também é sua a inclusão no calendário nacional das Jornadas Cubanas contra a Homofobia e a Transfobia.

Foi num evento das jornadas, em 2016, que a missão da ICM encontrou-se com representantes da sociedade cubana. Essas jornadas foram responsáveis pela institucionalização das congas LGBTQIA+, em que pessoas gays e trans marcham e festejam pelas ruas, em cidades como Havana e Matanzas, ao som do típico ritmo caribenho. Nessas ocasiões, celebra-se a diversidade sexual e de gênero, com espaço também para um culto ecumênico, para que os cristãos envolvidos nas agendas LGBTQIA+ locais possam se manifestar.

Carmen Margarita e Mariela Castro se encontraram diversas vezes nessa ocasião, por exigência das agendas públicas, e foram construindo uma parceria. Ao se interpelarem, elas torceram direito e religião, resignificando ambos.

Apesar de recorrermos a uma metáfora mecânica, a da torção, não temos em mente recombinações de posições preestabelecidas. Ao contrário, interessa-nos capturar, como se estivéssemos diante de um balé improvisado, movimentos nos quais agentes se modelam mutuamente em função dos efeitos de seu encontro diante de audiências formadas para assisti-las. No caso de Carmen Margarita e Mariela Castro, elas foram aprendendo juntas, e a partir de uma parceria imprevista, a redesenhar as fronteiras entre a convenção religiosa e o que é socialmente percebido como não religioso.

Nos discursos das duas agentes, a agência da linguagem aparece como um fazer prolongado, constituído por uma série de atos por meio dos quais se forma uma cadeia ritual de significação sem origem

ou fim fixos ou identificáveis. O desdobramento do nosso argumento é que, usando as linguagens da religião e do direito, as agentes redefinem os parâmetros das convenções acerca do secular por suas audiências. A redefinição desses parâmetros é um efeito dos seus atos de comunicação. Carmen Margarita e Mariela Castro aprendem a torcer os sentidos de elementos do repertório do direito e da religião em uma só corda, à qual emprestam tração suficiente para compatibilizar projetos paralelos de público. É esse jogo que permite a emergência de novos sentidos para o direito e a religião.

CONTEXTUALIZANDO A MISSÃO

Dias antes da bispa Carmen Margarita, desembarcou em Cuba Cristiano Valério, pastor negro e gay de São Paulo, atual coordenador da ICM no Brasil. Valério é o responsável por manter ativa e em expansão a rede de igrejas brasileiras vinculada à ICM, organização criada em 1968 em Los Angeles e atuante em dezenove países.

A dupla Cristiano Valério e Carmen Margarita viajou à ilha com o objetivo de fomentar o coletivo Abrindo Brechas de Cores, uma comunidade local que desejava aderir à ICM.³ Na época, o coletivo estava especialmente engajado no combate à homofobia no domínio eclesiástico. Capitaneado por Elaine Saralegui, pastora lésbica de cerca de trinta anos formada na Igreja Batista, o Abrindo Brechas de Cores reunia-se na cidade de Matanzas. Congregava jovens originalmente vinculados a outros núcleos religiosos, entre os quais católicos, evangélicos e santeros,⁴ para vivência comunitária, cultos ecumênicos, leituras bíblicas e discussões sobre direitos.

[3] Um dos autores deste artigo acompanhou a missão em caráter de pesquisa de campo para a prática de observação participante.

[4] Os santeros são seguidores da Santería, religião de matriz afro-caribenha originada em Cuba. É marcadamente influenciada pelo repertório iorubá, um grupo étnico da África Ocidental.

Visitas como a de Carmen Margarita e Cristiano Valério ao Abrindo Brechas de Cores fazem parte da rotina institucional da ICM: o objetivo é estabelecer relações de proximidade com os grupos religiosos interessados em fazer parte da rede. Classificados como “comunidades emergentes”, grupos como esses são integrados à organização *pari passu*, partindo do processo de formação de lideranças locais. Nesse percurso, as partes envolvidas podem ou não identificar afinidades teológicas e ideológicas. Quando existem afinidades, elas são expressas por imagens de ordens do mundo nas quais as linguagens da religião e do direito se combinam em graus e formas específicos, resultando numa diversificada rede de comunidades mais ou menos compatíveis entre si.

Um dos denominadores comuns dessas várias comunidades é o compromisso com os direitos humanos. A reputação da ICM como a “Igreja dos direitos humanos” é solidificada pela prática de acolher pessoas de todas as orientações sexuais, identidades de gênero e origens étnicas, além de outros grupos marginalizados. Em seus ritos e

cerimônias, os direitos humanos têm presença central, como vemos no credo lido todos os domingos na ICM em São Paulo:

*Na ICM, acreditamos no poder transformador do amor divino, que nos chama a abraçar a diversidade, a promover a justiça social e a lutar pelos direitos humanos. Acreditamos que todas as pessoas são dignas de amor e respeito, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero, raça, etnia, origem nacional ou qualquer outra característica.*⁵

[5] A transcrição do credo está em acervo privado dos pesquisadores. Todas as traduções de materiais impressos e das transcrições das gravações de falas e discursos foram feitas do espanhol para o português pelos autores deste artigo.

Para a ICM, interessam, portanto, compatibilidades relacionadas àquilo que pode ser descrito como uma militância cívico-religiosa. Essa militância funde evangelização e engajamento em prol dos direitos humanos. A instituição se proclama, por exemplo, a primeira igreja do mundo “a realizar casamentos entre pessoas do mesmo sexo e esteve na vanguarda da luta pela igualdade no casamento nos EUA, no Brasil e em outros países do mundo”.⁶

[6] O material impresso divulgado na ICM está em acervo pessoal.

Da parte do núcleo cubano, a integração à rede da ICM era oportuna, pois representava uma chance de ampliar seu leque de alianças institucionais em um momento no qual suas lideranças se diziam receosas com o aumento do número e da influência das igrejas pentecostais no país. Segundo elas, essas igrejas estariam combinando uma teologia da prosperidade crítica ao regime cubano, com valores familistas enviesados de homofobia e transfobia. O projeto da igreja LGBTQIA+ nascia, assim, alinhado ao governo cubano.

No contexto nacional, o coletivo Abrindo Brechas de Cores já contava com o apoio da Igreja Batista Ebenézer da cidade de Maricao, um núcleo religioso ativo no processo de abertura do regime cubano à presença e atuação das igrejas nacionais. Animado à época pelo pastor e deputado do Partido Comunista Raúl Suárez, esse processo teve participação decisiva na articulação que promoveu o encontro de Fidel Castro com o pastor e ativista dos direitos humanos norte-americano Jesse Jackson, em 1984. Esse encontro foi um marco. A igreja de Raúl Suárez, que é pai de uma mulher lésbica, hoje aceita a presença de pessoas LGBTQIA+, inclusive em posições de liderança, como é o caso de sua filha.

O acesso de gays e pessoas trans às chamadas igrejas tradicionais era debatido a duras penas em Cuba, quando Carmen Margarita e Cristiano Valério se engajaram na fundação de uma igreja inclusiva no país. Eles saíram em missão, no entanto, a partir dos próprios projetos de evangelização. Como veremos, para que esses projetos funcionassem e se inscrevessem nas convenções sociais locais, foi preciso que eles se moldassem ao ideário revolucionário cubano. Essa remodelagem resulta no que Mariela Castro chamará de “espiritualidade revolucionária”.

A chegada dos pastores Carmen Margarita e Cristiano Valério foi programada para coincidir com o pedido de reconhecimento do coletivo de Matanzas ao Estado cubano como “grupo religioso”, exigência legal para que organizações desse tipo possam atuar no país. O momento era, portanto, estratégico: além de conhecer o projeto sociorreligioso local e estreitar relações com o coletivo, Carmen Margarita e Cristiano Valério teriam a chance de ajudá-los a se inscrever no arcabouço jurídico nacional, um processo em que ambos eram eficientes e experientes.

O caminho para isso foi o apoio manifestado ao longo da IX Jornada Cubana contra a Homofobia e a Transfobia, na qual se inseriu o coletivo liderado por Elaine Saralegui, apresentado na ocasião como “MCC [Metropolitan Community Church] de Matanzas”. Carmen Margarita fez várias contribuições ao evento. Em cada uma, houve tribunas abertas para falas, que logo deram notoriedade a Carmen Margarita. Ela ganhou de Mariela Castro uma peculiar insígnia: “Bispa, a sábia”.

COMUNICAÇÃO EM ATOS

A viagem missionária da ICM a Cuba envolveu uma programação com atividades para diversos públicos, escalonados em função da distância em relação aos dois temas centrais e sempre cruzados: homossexualidade e religiosidade. Foram promovidos cultos e encontros para estreitar a relação com a comunidade de Matanzas.⁷ Também foi realizado um culto na Igreja Batista Ebenézer de Mariana e reuniões com lideranças do Centro Memorial Martin Luther King, organização vinculada à Igreja Batista Ebenézer.⁸ Por fim, houve atividades vinculadas à Jornada Cubana contra a Homofobia e a Transfobia, entre as quais a participação oficial nas congas de Havana e Matanzas e em conferências públicas, por exemplo, nas faculdades de Direito e Medicina de Matanzas e na Central de Trabalhadores de Cuba, em Havana.

Ao longo da programação da jornada, a missão da ICM ganhou projeção, em particular por conta da inesperada parceria de comunicação com Mariela Castro. Para a ICM, ela representou três eixos de acesso ao universo político cubano: a rede laica de ativismo LGBTQIA+ (mediada pelo Cenesex), o Partido Comunista e a parentela dos Castro. Como veremos a seguir, essa parceria só aconteceu porque Carmen Margarita e Mariela Castro sustentaram, por meio da torção de religião e direito em uma só corda, um novo objeto da imaginação política nacional: uma inédita espiritualidade revolucionária à maneira cubana, que marcharia para levar a revolução de 1959 a novos patamares de inclusão e universalização de direitos.

[7] O culto de Matanzas, realizado no dia 15 de maio de 2016, foi abordado na etnografia da Celebração do Pentecostes (Silva, 2020). Na ocasião, lideranças da ICM falaram a pessoas que postulavam sua integração à rede e já estavam previamente organizadas em um coletivo. De fora para dentro, na condição de lideranças religiosas LGBTQIA+ estrangeiras, tentaram compatibilizar projetos socioteológicos e adicionar o local ao global. A forma de fazer isso seria conectar a igreja que nascia em Cuba à rede transnacional. Neste artigo, porém, há uma inversão importante em relação à etnografia anterior. No contexto de enunciação a ser apresentado, os agentes da ICM falam de dentro para fora, isto é, como religiosos LGBTQIA+ que comungam de uma experiência comum com os postulantes nacionais a audiências situadas além dos núcleos religiosos estrangeiros ou cubanos. Às audiências descritas neste artigo, os agentes da ICM anunciam a plausibilidade do projeto dos postulantes de se tornarem parte de um todo ao qual são integrados.

[8] Fundada em 1987, pelos pastores Raúl Suárez Ramos e Clara Rodés, a igreja funciona até hoje e está vinculada a um centro ecumênico dedicado à educação e a um polo de articulação de relações internacionais, particularmente com movimentos sociais latino-americanos. Foi um dos palcos principais dos diálogos promovidos para a aproximação do Partido Comunista com as igrejas cubanas durante a revisão do processo de institucionalização revolucionária transcorrido nos anos 1980.

Vamos entender essa proposição conectando uns aos outros quatro atos cênicos, descritos a seguir.

COMPATIBILIZANDO IMAGINAÇÕES

O primeiro encontro entre a bispa Carmen Margarita Sánchez De León e a deputada Mariela Castro ocorreu em uma conferência realizada no dia 12 de maio de 2016 na Central de Trabalhadores de Cuba, em Havana. A Central era palco de duas mesas da Jornada Científica, ligada à Jornada Cubana contra a Homofobia e a Transfobia: o painel “Abordaje sobre discriminación por orientación sexual e identidad de género en los espacios laborales” e o foro de discussões “Religión, espiritualidad y sexualidad”.⁹

[9] O painel e o foro foram parte da agenda especial da IX Jornada Cubana contra a Homofobia e a Transfobia, que aconteceu em 12 de maio de 2016 na cidade de Havana.

Carmen Margarita assumiu posição de fala na segunda sessão, enquanto Mariela Castro sentou-se na plateia, junto da audiência que lotou o velho auditório da entidade. Ao lado de Elaine Saralegui, do coletivo Abrindo Brecha de Cores, Ralph Carl, gay e capelão ecumênico da Universidade de Toronto, e Myrta Kaulard, representante residente do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a bispa porto-riquenha encarou o desafio de convencer um dos públicos cubanos mais distantes de seu mundo a pensar a pertinência da espiritualidade, da revolução e do compromisso com a extensão universal dos direitos humanos. Apresentada como bispa da ICM, ela surpreendeu a audiência pela excelência de sua oratória, executada, ao mesmo tempo, com vivacidade e serenidade.

De partida, Carmen Margarita se aproximou dos ouvintes recitando uma antiga poesia latino-americana na qual as ilhas de Porto Rico e Cuba são como as asas de um único pássaro. Na sequência, exibiu as credenciais de sua proximidade com o ideário político cubano, evocando lembranças de sua primeira estadia no país. Ainda jovem, em 1983, tinha ido trabalhar nas colheitas coletivas de cana-de-açúcar, integrando uma das inúmeras caravanas latino-americanas recebidas pelo Centro Memorial Martin Luther King, na época da abertura cubana às igrejas. O mesmo centro, vale lembrar, agora lhe servia de abrigo em Havana e lhe oferecia pontes para novos contatos em um novo contexto.

A cada lance retórico, Carmen Margarita se esforçava para fazer as militâncias comunista, religiosa e por direitos convergirem na imaginação de sua audiência. Para isso, conectava linguisticamente as pessoas LGBTQIA+ e sua sexualidade proibida ao imaginário dos povos oprimidos e subalternizados:

Vejam, as Igrejas da Comunidade Metropolitana têm como identidade a fusão da espiritualidade com a sexualidade. Isso faz parte da nossa his-

tória fundacional. Nós nascemos no contexto em que emergiam diversos movimentos sociais do século passado: movimentos feministas, a luta pelos direitos civis das comunidades afro-americanas, o ativismo antimilitarista, os movimentos estudantis e a revolução sexual, entre outros. Em 1968, em Los Angeles, surge uma igreja que afirma que não havia incongruência entre ser homossexual, lésbica, bissexual e ser cristão ou cristã. Essa proposta criou uma ruptura com a ortodoxia da teologia cristã. Questionou a maneira de ser da igreja; ao mesmo tempo, a recém-nascida teologia da libertação propunha que o espaço para fazer teologia é a partir dos corpos dos pobres. [...] As sexualidades foram então, para a ICM, chaves hermenêuticas — reparem que digo as sexualidades, no plural. Foram chaves hermenêuticas para desconstruir ideologias excludentes, como as heteronormativas e a hegemonia de um Deus patriarcal (De León, Discurso no foro de discussões, 2016).

Falando à sua audiência cubana, e ainda alheia à importância da presença de Mariela Castro, Carmen Margarita compatibiliza discursivamente lutas distintas, entre as quais a feminista, aquela por direitos civis, a dos afro-americanos, a estudantil, a antimilitarista e a dos pobres, encampada pela Teologia da Libertação. Faz ver potenciais alianças em um ato de comunicação situado e corporificado, que vocaliza o imperativo do corpo, inclusive diante da teologia.

Embora a oratória de Carmen Margarita tenha sido a principal responsável pela reação da audiência, seu discurso estava inscrito em um corpo que, como argumenta Shoshana Felman (2022), performa algo que nunca é totalmente compreendido, mas que complementa o discurso. Nesse caso, o ato de fala é, assim, um ato corporal com dimensão teatral, o que significa que o ato comunicativo se duplica no momento da fala: há o que é dito e há uma espécie de dizer que o instrumento corporal do enunciado performa. Ali, na Central dos Trabalhadores de Havana, era possível perceber como o ato comunicativo de Carmen Margarita ganhava força pelo timbre grave de sua voz firme e amorosa, por sua pele negra diante de uma audiência majoritariamente não negra, pelo sorriso sempre confiante, pelas vestimentas não convencionais e pelo modo decidido, por vezes, professoral de se movimentar. O corpo de Carmen Margarita era o ponto cego de sua fala: excedia o que era dito e, ao mesmo tempo, atuava por meio do que era dito.

O ponto alto da performance foi a cosmologização da homossexualidade. Por cosmologização, entendemos a inscrição de dimensões concretas da experiência social, nesse caso a homossexualidade, em narrativas generalizantes orientadas para a constituição e a representação da ordem do mundo. Trata-se de um efeito de operações discursivas que rearticulam princípios lógicos definidores das relações entre os seres humanos uns com os outros, entre os seres

humanos e a natureza, entre aquilo que os seres humanos imaginam como sendo o extra-humano:

Do mesmo modo, uma espiritualidade que não emerge da sexualidade não tem alma. O que nos possibilita a experiência espiritual é a sensualidade dos nossos corpos, que, no anseio de fusão com outros corpos, no desejo de ser tocado, intui nesse desejo de ser tocado uma verdade que nos transcende. Os evangelhos narram o último momento de celebração de Jesus com seus amigos e colocam em seus lábios esta expressão: “tomem e comam por minha causa”. Referindo-se ao pão e ao corpo. Pão e corpo são realidades palpáveis, sensoriais. Que podem ser tocadas, sentidas. As igrejas cristãs, em geral, sequestraram esse momento sensorial, transformando-o em um momento litúrgico, chamando-o de eucaristia ou comunhão. [...] No mês passado, em nosso retiro espiritual das igrejas no Brasil, vivenciamos um momento de uma liturgia queer. Nela, não há Cristo, mas sim Cristas. Três mulheres trans que desnudam seus corpos para poder assumir suas identidades. Identidades que lhes foram arrancadas por sociedades excludentes e dogmáticas (De León, Discurso no foro de discussões, 2016).

Atos discursivos desse tipo delineiam um mundo de sentidos que parecem livres do que é historicamente instituído como “o religioso”. Esses sentidos só se tornam inteligíveis por meio de ritualizações e formulações narrativas interessadas em anexar o múltiplo, variável ou aleatório a uma ordem unificadora e estável. A performance discursiva de Carmen Margarita explora o potencial cambiante dos termos. Por meio dela, aquilo que é entendido em Cuba como “o religioso” torna-se passível de ressignificação. Para isso, a audiência deveria estar disposta a moldar sua compreensão da religião à visão da ICM, que se percebe como “radicalmente inclusiva”. A ação comunicativa de Carmen Margarita não consistiu em refazer a linguagem religiosa *ex nihilo*, mas em negociar o legado religioso que negava a existência homossexual e a igualdade social por uma proposta inclusiva e revolucionária.

Cosmologizando homossexualidade, homoparentalidade e legalidade, Carmen Margarita, sem citar o panteão mitológico do cristianismo, espiritualizou a relação com sua esposa atea, Frida Kruijt, descrevendo com detalhes poéticos o processo de fertilização *in vitro* que gerou os filhos gêmeos do casal, Oshadi e Siboney, este último batizado em homenagem a um dos povos originários do Caribe, os ciboneis, que também habitaram Cuba. Com habilidade retórica, a bispa se empenhou em fazer que sua audiência percebesse os gêmeos nascidos do amor de duas mulheres como “um milagre” da ciência e da militância pelos direitos humanos. Na forma “amor”, ela funde dimensões reconhecidas como romântica e maternal:

A humanidade nem sempre teve os mesmos conhecimentos sobre a reprodução, nem as mesmas ideologias a respeito disso. Por muito tempo, alguns de nós fomos excluídos do direito à procriação por não termos as relações “corretas”, por não termos os corpos “certos”. Nem a espiritualidade “certa”. Sempre me lembrarei do momento em que dois embriões foram implantados no útero da minha esposa. Esse momento, tão meu, esteve repleto de erotismo e espiritualidade. Quando ambas — de forma diferente, porque minha esposa é atea — viveram uma experiência de espiritualidade (De León, Discurso no foro de discussões, 2016).

Desse modo, a bispa emoldurou como ideológico o discurso das igrejas para as quais o casamento é a união de um homem com uma mulher. Para a surpresa da audiência, a convenção religiosa foi criticada pela convidada da Central de Trabalhadores de Cuba para representar a religião. Mariela Castro foi uma das primeiras pessoas da plateia a se levantar em reação à fala da bispa, que foi ovacionada.

Essa reação efusiva indicou que havia uma abertura de parte da audiência para a resignificação da religião e da homossexualidade, mas somente se deu porque aquilo que Carmen Margarita procurou ressignificar do religioso não era plenamente parte das convenções religiosas locais. O sucesso da bispa provinha de sua proximidade discursiva com aquilo que sua audiência entendia como parte da revolução cubana.

Vemos o primeiro movimento de aliança discursiva das agentes quando Mariela Castro, falando como diretora do Cenesex, diz ao público que estava impressionada com a palestra. Segundo ela, Carmen a tinha feito perceber a própria “espiritualidade” nos valores apregoados pela revolução. Para a deputada, o ativismo por direitos LGBTQIA+ era uma luta pela universalização da experiência do amor e representava mais um passo revolucionário das nações comprometidas com a aniquilação das estruturas de opressão, inclusive as de gênero e orientação sexual.

Na saída do evento, enquanto a caravana da ICM deixava o antigo e malconservado prédio da Central de Trabalhadores, um moderno sedan preto, com bandeiras de Cuba, parou ao lado da comitiva. Lá estava Mariela Castro, que, sentada no banco traseiro, abriu o vidro para novamente felicitar a bispa por sua fala. Com entusiasmo, disse que ambas teriam muito que compartilhar ao longo da jornada.

UMA BÊNÇÃO DO AMOR

O segundo encontro entre a bispa e a deputada aconteceu no dia 14 de maio, durante a Conga Cubana contra a Homofobia e a Transfobia, em Havana. Milhares de pessoas marcharam orgulhosamente pelas ruas centrais da cidade até o Pabellón Cuba,¹⁰ sob ritmos caribenhos,

[10] O Pabellón Cuba é um pavilhão vazado que abriga exposições de arte, shows musicais e feiras culturais.

intercalados por palavras de ordem como “Unidad en la diversidad” e “Socialismo sí, homofobia no!”. Ao fim, Carmen Margarita e Mariela Castro protagonizaram de improviso uma atração que acabou sendo uma das mais vistas e comentadas da programação pós-marcha: a “Celebración Ecueménica y de Amor”, como foi descrita por *El Boletín de la Jornada*, publicação oficial do evento.

A bispa se encontrava no espaço reservado à ICM, uma das várias entidades e coletivos LGBTQIA+ presentes no Pabellón Cuba. Era uma espécie de estande decorado no qual representantes podiam exibir projetos em várias mídias e distribuir folhetos de divulgação. À fraternidade restou um dos últimos estandes, no fundo do pavilhão, e foi alvo de visitas curiosas e muitas vezes desconfiadas de pessoas que, ao vasculhar as novidades da IX Jornada, deparavam-se com o pequeno pedaço reservado à religião e espiritualidade LGBTQIA+. O palco/púlpito montado no fundo do estande ajudava a dar dimensão cênica ao religioso, mas o volume de visitas era ínfimo, em comparação com os demais estandes.

Tudo mudou com a chegada de Mariela Castro. Depois de prestigiar a Conga, a deputada foi ao Pabellón Cuba inaugurar oficialmente as atividades programadas para o pavilhão de exposições. Por onde passava, ela arrastava uma multidão que se acotovelava para vê-la de perto. A cena possibilitava que as pessoas, mesmo alheias ao contexto cubano, dimensionassem a fama e a influência da sobrinha de Fidel e filha do então presidente cubano, Raúl Castro: ela era tratada como uma estrela pop.

A multidão atrás dela assistia encantada aos seus movimentos. Quando ela chegou ao estande da ICM, a comitiva da igreja logo a conduziu ao palco. Ela parecia cumprir o mesmo protocolo repetido nos estandes que havia visitado: tudo mudou quando a bispa a convidou para participar da “bênção do amor”, uma cerimônia na qual os casais LGBTQIA+, casados ou não, receberiam as bênçãos dos religiosos da ICM.

Agradecida, mas visivelmente constrangida, Mariela Castro disse, quase ao pé do ouvido de Carmen Margarita, que não podia participar da cerimônia, porque era ateia. Atenta às associações que a deputada fazia com a religião, a bispa contornou a situação dizendo que não se tratava de um rito baseado em dogmas ou prescrições institucionais. Dirigindo-se ao público, explicou que a bênção era, antes de tudo, um ato de afirmação do direito ao amor e da dignidade da experiência afetiva daquelas pessoas, independentemente de credos e filiações religiosas:

Perdão, Mariela, vou te colocar, como dizem, na linha... é possível haver bênção para além do dogma da fé. Por isso, eu te convido, junto conosco, com essa comunidade que está aqui, a abençoar com as palavras da tua

espiritualidade. Que você venha e também abençoe as pessoas que estão aqui. Não precisa dizer nada especial — a não ser que você queira, mas não precisa. A única coisa que te peço é: que, com as tuas palavras, abençoe, porque a bênção vem do povo. Não importam nossas crenças, não importa se não cremos — a bênção é do povo. E é nessa bênção coletiva que estamos (De Léon, Discurso da Bênção do Amor, 2016).

Para Carmen Margarita, como percebemos por sua fala, a bênção é um ato ritual, uma prática mediada pela ICM e, ao mesmo tempo, um ato independente de fé. No sentido dado por Talal Asad (2010), a bispa, instância do religioso na cena, “autoriza” Mariela Castro, filha da revolução cubana e autodeclarada ateia, a bendizer os presentes por meio de suas palavras, quaisquer que fossem e independentemente de “crenças”. A bênção é possível, segundo a bispa, porque ela vem do “povo”, do qual advém à própria bênção.

A autorização dada à deputada ateia para operar a bênção, ato de fala com registro religioso, ancora-se em duas operações de Carmen Margarita. A primeira é a transformação discursiva da audiência em metonímia ou ícone do povo cubano. Ato contínuo, a bispa associa a posição discursiva da bênção ao povo, ou seja, o povo aparece como a instância instituidora daquele ou daquela que abençoa. Essa associação reflete uma imaginação de ordem sociopolítica largamente compartilhada, que tem por referente a imagem da democracia forjada nas revoluções burguesas. Um efeito da operação é, assim, conectar, por meio dessa imagem, o regime cubano às democracias contemporâneas.

A bispa anunciou, na sequência, que todos estavam convidados a participar do ato, enquanto Mariela Castro permanecia ao seu lado e observava a cena, como se estivesse aprendendo uma nova coreografia. Logo se formaram filas de casais, primeiro de simpatizantes da igreja, depois de um público que se engajava festivamente no rito como mais uma das várias atrações do Pabellón Cuba. À medida que o público se avolumava em frente ao palco, parecia que a bispa e a deputada afinavam os termos da parceria. Quando os outros religiosos da ICM já se mobilizavam para fazer diminuir as filas para as bênções, a deputada sentiu-se pronta para assumir o protagonismo.

“O que devo dizer?”, perguntou ela. “O que o seu coração achar que é para ser dito”, respondeu a bispa. Assim Mariela Castro iniciou suas bênções:

Agradeço à nossa querida irmã, bispa de Porto Rico, que nesta jornada nos revelou palavras tão maravilhosas. Palavras que fortaleceram nosso espírito, que nos trouxeram paz. Vocês nos encheram de ainda mais amor. De mais razões para amar, de mais razões para lutar. Agradeço por suas palavras

sábias, que são também a bênção que tem nos dado em todos esses encontros que temos realizado aqui em Havana. Para nós, de fato, é um gesto de amor, é um orgulho, é um privilégio poder desenvolver esses encontros para nos querermos, para transmitirmos amor. E é para isso que os convidamos: porque vocês têm uma palavra tão sábia, tão profundamente conectada ao coração, tão fortemente ligada às necessidades das pessoas, tão próxima, que nossos colegas aqui presentes sempre nos dão um abraço apertado que chega até o tutano. E isso nos dá força, nos dá energia para continuar trabalhando. E mesmo quando pensamos que não estamos chegando lá — sim, não vamos ter sede, porque a água sempre nos será oferecida. Muito obrigado a vocês, por compartilharem este espaço. Por reconhecerem que este espaço é importante, por saberem que ele nos faz falta, tenhamos ou não fé religiosa. Compreendamos ou não, tenhamos lido ou não alguma vez uma página do Antigo ou do Novo Testamento, ou de alguma outra religião. Conheçamos ou não — mas as palavras que nos unem, as palavras que nos aproximam, as palavras que ajudam a nos limpar do ódio e da incompreensão — essas sempre serão bem-vindas (Castro, Discurso da Bênção do Amor, 2016).

Chancelando a bênção da deputada, Carmen Margarita pediu aos companheiros de igreja que lhe trouxessem uma estola colorida, igual à usada pelos honoráveis religiosos da ICM. Com discrição, mas também com a suntuosidade ritualística que o momento pedia, a bispa vestiu a estola sacerdotal em Mariela Castro. Esta permaneceu paramentada até o fim das bênções, em clara adesão à honraria de registro religioso e às cores do arco-íris na estola. Centenas de pessoas se abraçavam, sorriam, fotografavam-se e beijavam-se diante das mãos impostas dos religiosos. A ateia Mariela Castro, da célebre parentela revolucionária cubana, distribuía sorrisos e bênções para a plateia encantada em fazer parte daquela cena inusitada.

Mais uma vez, na missão da ICM à Cuba, o corpo, dessa vez paramentado com vestes litúrgicas, duplicou o ato comunicativo para ressignificar o religioso e o secular. Misturados, religioso e secular passaram a abranger bênções ateias e homossexuais. Com essa cena, a ICM cristalizava sua habilidade de criar discursos que descontinuem e reposicionam a convenção. Se, no Brasil, a ICM atualiza o discurso religioso, tornando-o inclusivo da homossexualidade e da diversidade de gênero (Natividade, 2010; Jesus, 2012; Silva, 2016), em Cuba ela atualiza o discurso revolucionário, tornando-o inclusivo da homossexualidade, da diversidade de gênero e da própria religião.

Os talentos da ICM evidenciam a agência da linguagem, problema de que Butler se ocupou e nós nos ocupamos com ela. Por um lado, a autonomia do sujeito no discurso é condicionada por uma dependência radical e originária de uma linguagem cuja historicidade

excede, em todas as direções, a história do sujeito que fala: na medida em que os agentes usam a linguagem e fazem coisas com ela, a linguagem produz efeitos no mundo e faz os próprios agentes. Por outro lado, quando fala, a agência do sujeito se evidencia no modo como ele repete o discurso. A subversão e a resignificação do discurso original estão em aberto. No caso de Carmen Margarita e da ICM, essa repetição se dá por meio da renovação dos signos linguísticos da comunidade, reeditando e revigorando o discurso sobre religião, direitos e homossexualidade.

ECUMENISMO PARA ATEUS

A bispa e a deputada voltaram a se encontrar no dia 16 de maio, na Conga LGBTQIA+ de Matanzas, festa de cores e fantasias que tomou a Calle Médio. A Conga de Matanzas repetia os bordões do ativismo ouvido na Conga de Havana, mas superava-se em aprumo estético, visível nas fantasias e performances artísticas levadas à rua. Foi a primeira vez que a Conga e a Jornada contra a Homofobia e a Transfobia chegaram à cidade, nacionalmente conhecida como a Atenas Cubana, por sua rica vida cultural e universitária.

Assim como em Havana, Carmen Margarita e Mariela Castro se juntaram em cena no saguão da biblioteca Gener y Del Monte, onde também haveria uma celebração ecumênica liderada pela ICM. Coube à bispa Margarita e ao pastor Cristiano Valério servirem de mestres de cerimônia, conclamando lideranças a se juntarem à comitiva em torno da mesa transformada em altar. Além de lideranças, quase todas católicas e evangélicas, o espaço foi aberto a qualquer pessoa, igreja ou coletivo que representasse as várias espiritualidades cubanas. O convite parecia direcionado a um jovem rapaz, com adereços socialmente associados à Santería, que enfim cedeu aos apelos e reuniu-se ao grupo.

A ação mais emblemática daquela tarde, porém, foi quando Mariela Castro se somou de livre e espontânea vontade ao grupo, causando nova surpresa e contentamento entre os religiosos. Saiu resoluta da plateia e assumiu posição de destaque numa cena em que a ICM se projetava como a maestrina de uma sinfonia de religiosidades e espiritualidades componentes da unidade cubana. Dali em diante a parceria da deputada com as lideranças da ICM foi declarada e evidente e o reconhecimento da ICM cubana pelo Estado tornou-se cada vez mais possível.

RELIGIOSOS CONTRA A RELIGIÃO

Um dia depois, Carmen Margarita e Mariela Castro se encontraram na Universidade de Ciências Médicas de Matanzas. Dessa vez, a

bispa estava na plateia e a deputada compunha uma mesa na qual estavam também Manuel Vázquez Sejjido, chefe do Grupo Assessor Jurídico do Cenesex, e Myrta Kaulard.

No evento, Mariela Castro recebeu a “distinción Mario Emilio Dihigo Llamas”, em reconhecimento à sua gestão no Cenesex, voltada para a garantia de direitos sexuais em Cuba. Em discurso a uma plateia formada por médicos, professores e estudantes de ciências médicas, a deputada se empenhou em sensibilizá-los para os efeitos da discriminação, chamando atenção para a importância da oferta de serviços de saúde diferenciados para pessoas LGBTQIA+, atrelada ao compromisso e ao respeito à diversidade cubana. Sua estratégia retórica contemplou dois movimentos: convidou todos a imaginar como é sofrer discriminação e associou a causa LGBTQIA+ a processos históricos de emancipação:

Cada país precisa encontrar sua própria maneira de realizar as mudanças. E esse sentido, dentro da lógica histórica de cada país, é único — ninguém pode repetir a revolução cubana, por mais que queira. Por mais que tenham tentado e se inspirado na revolução cubana para promover mudanças em seus países, não podem fazê-lo da mesma forma, porque cada país tem suas línguas, seus dialetos, suas religiões, suas mitologias, suas etnias, suas complexidades culturais e, sobretudo, uma lógica histórica própria na luta pela emancipação do ser humano. [...] Veja que a história tem sido a história das guerras, das relações de dominação de uma etnia sobre outra, de um grupo sobre outro, de uma religião sobre outra. Sempre movida por interesses econômicos, usando a religião como pretexto, como recurso. Então é isso que estamos tentando fazer, essa reflexão que estamos buscando transmitir na nossa estratégia educacional e comunicacional: chamar a atenção para os problemas gerados pela homofobia, transfobia e qualquer outra forma de discriminação (Castro, Discurso proferido na Universidade de Ciências Médicas de Matanzas, 2016).

Nessa passagem, ela imagina, metapragmáticamente, o potencial da religião como recurso linguístico. Afirma usar esse recurso de modo “reflexivo”, como parte de uma “estratégia comunicacional” para tratar do problema da discriminação por motivo de gênero e orientação sexual. Apesar de sua “espiritualidade atea”, como a descreveu Carmen Margarita, ela encontra com a bispa o chão comum da “luta pela emancipação do ser humano”, que implica a ação orientada para mudanças.

Em Matanzas, Mariela Castro compatibilizou religião e ateísmo cenicamente. Durante sua explanação, notou Carmen Margarita na plateia e abriu um sorriso farto e espontâneo. Apresentou-a afetuosamente à audiência e, retribuindo o gesto da bispa, convidou-a a se

juntar à mesa, bem ao seu lado, para que complementasse sua fala. E assim fez a bispa. Visivelmente honrada e ao mesmo tempo pega de surpresa, precisou improvisar uma nova apresentação pública.

Apresentada como “a bispa sábia”, Carmen Margarita procurou contornar com engenho as resistências que imaginou encontrar à sua posição de religiosa. Percebemos o funcionamento de sua imaginação nas formas que usou em sua fala. Esquivando-se da religião, a bispa recorreu à ideia de uma espiritualidade construída em torno de valores humanísticos, como altruísmo, empatia e senso de justiça. Esses atributos essenciais ao exercício de uma medicina centrada no paciente, segundo Carmen Margarita, teriam sido “sequestrados” pelas religiões:

O problema aqui é uma provocação, e quero colocá-la diante de vocês: a espiritualidade, infelizmente, foi sequestrada pelas religiões — e, particularmente, pelas igrejas. [...] Cada um de nós é um ser espiritual e tem o direito de desenvolver essa espiritualidade. Que pode ser crente, pode ser atea, pode vir da religião do candomblé, pode ser cristã. Então, o convite aqui é para democratizar a espiritualidade, para não permitir esse sequestro que, infelizmente, nós — enquanto igrejas — temos feito. Sequestramos o conceito de espiritualidade. É preciso que as pessoas recuperem seu direito de também — e afirmo aqui, que se ainda não for, deve ser — viver isso como um direito humano: o de podermos nos relacionar espiritualmente com a entidade que desejarmos (De Leon, Discurso proferido na Universidade de Ciências Médicas de Matanzas, 2016).

Naquele espaço de ciência coube, portanto, a uma religiosa criticar a religião em nome do direito a uma dignidade que Mariela Castro e Carmen Margarita imaginavam que nenhum dos presentes negaria. “Muitas vezes chegam à nossa igreja ativistas que estão quebrados por dentro, pois não conseguem conciliar um elemento de que falamos muito pouco: a sua espiritualidade com as suas vidas”, falou a bispa, trocando a figura do crente ou do fiel pela do ativista. “Muitas dessas pessoas, ainda que se aceitem a si mesmas, entendem — por causa de um discurso criado pelas igrejas — que não merecem, nem devem, ter uma relação com a divindade ou com as divindades, porque não existe uma única forma de expressão” (De León, Discurso proferido na Universidade de Ciências Médicas de Matanzas, 2016).

Finda a palestra, novas portas se abriram a Carmen Margarita, que passou a ser convidada para conversas com representantes da Santeoría cubana, percebendo, dessa vez, possibilidade de diálogos graças à sua ancestralidade africana. Os atos de comunicação da bispa, desenhados para atingir o público LGBTQIA+ e as comunidades que se relacionam de algum modo com ele, surtiu efeitos sobre audiências

que estavam até então fora do foco da jornada missionária. Aos olhos de seus participantes, ela se consagrava como vitoriosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, demonstramos como religião e direitos, torcidos em práticas ritualizadas de uma bispa da ICM e uma deputada cubana da parentela dos Castro contribuíram para uma distensão histórica entre socialismo e cristianismo ao longo de uma semana de missão evangelizadora em Cuba. Também mostramos como novas parcerias se estabeleceram entre os representantes dessas duas partes. Para analisar os efeitos produtivos das enunciações e práticas rituais das agentes, nós nos apropriamos do conceito de atos de fala de Judith Butler (2021) e elaboramos, a partir dele, a noção de atos de comunicação.

Na etnografia, a noção de atos de comunicação responde ao desafio de analisar o lugar do contexto na produção dos efeitos dos atos de fala. Como indicamos, as falas das agentes que observamos situam-se em cenas com duas características importantes para a discussão do artigo: elas concorrem para a produção de efeitos além das próprias cenas que se desdobram em tempo futuro; e são falas corporificadas em práticas ritualizadas de registro religioso e cívico, ligado a um ativismo em direitos humanos reconhecível pela esquerda latino-americana por influência da Teologia da Libertação. Por isso seus atos de fala são denominados como atos de comunicação, que só existem em contextos e desdobram-se em novos contextos para novos atos de comunicação.

Como bem estabelece a teoria (Butler, 2021), trabalhar com a ideia de atos de fala implica contemplar os efeitos de enunciações e práticas rituais. No caso dos atos enunciados e ritualizados descritos aqui, eles têm por efeito a produção de uma forma de expressão e percepção de uma espiritualidade revolucionária à maneira cubana para as audiências de Carmen Margarita e Mariela Castro.

No caso da missão da ICM em Cuba, a inédita espiritualidade revolucionária, ao mesmo tempo reconhecível como religião em contexto e interpeladora da convenção religiosa, ganhou forma pública a partir da Bênção do Amor em Havana, no culto ecumênico de Matanzas e nas palestras realizadas na Central dos Trabalhadores e na Universidade de Ciências Médicas. Da perspectiva dos agentes e de suas audiências em diferentes cenas da missão da ICM em Cuba, a espiritualidade associada às pessoas LGBTQIA+ leva a revolução de 1959 a novos patamares de inclusão e universalização de direitos.

Nesta etnografia, demonstramos que a produção dessa espiritualidade se deu por meio do uso da forma “amor” pelas agentes, duas mulheres casadas, uma em um relacionamento lésbico e outra em um

relacionamento heterossexual. Quando fundem diferentes dimensões do amor por meio de atos rituais, os atos de comunicação de Carmen Margarita e Mariela Castro produzem uma nova fundação para os direitos humanos. Os atos enunciados e ritualizados são produtores do amor como uma substância “atrás” dos direitos, ou subjacente a eles: um fundamento. Para a deputada, o ativismo por direitos LGBTQIA+ é uma luta pela universalização da experiência do amor.

Por um lado, a renovada fundação torna os direitos humanos plausíveis como uma linguagem de justiça para as audiências cubanas. E, por outro, a religião torna-se a linguagem preferencial para expressar a ideia e as experiências sociais em torno da categoria do universal. Isso ocorre quando as agentes a viram do avesso, fazendo aparecer uma “espiritualidade” que, ironicamente, reafirma sua dimensão universal. É emblemática do que falamos aqui a cena da bispa na Universidade de Ciências Médicas de Matanzas, onde ela afirma que o humanismo e a justiça teriam sido “sequestrados” pelas religiões, em particular por igrejas que os teriam transformado em dogmas, isto é, em verdades artificialmente atemporais. Carmen Margarita relativiza a convenção religiosa como expressão única da religião, abrindo espaço para a “espiritualidade revolucionária” que ela produz em ato de comunicação com Mariela Castro, na expectativa de que ela envolva a audiência. É assim que a revolução materialista (do corpo) aconteceria pelo espírito.

Em atos de comunicação, Carmen Margarita e Mariela Castro desenham juntas as formas públicas pelas quais esse amor espiritualizado e politizado torna-se reconhecível e pode almejar a bênção e/ou outorga das comunidades religiosas e civis cubanas. Seria possível aferir o sucesso dessa empreitada? Somente analisando os novos atos de comunicação desencadeados por essa interessante parceria.

ARAMIS LUIS SILVA [<https://orcid.org/0000-0001-6721-8766>] é pesquisador do Centro para Imaginação Crítica e do Núcleo de Religiões no Mundo Contemporâneo, ambos do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). Também está vinculado ao programa de pós-doutorado da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). É doutor em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP). Contribuiu com a produção dos dados, construção do argumento, análise dos dados, redação e revisão.

RENATA REVERENDO VIDAL KAWANO NAGAMINE [<https://orcid.org/0000-0003-2447-5548>] é pesquisadora de pós-doutorado no Núcleo de Religiões no Mundo Contemporâneo (Fapesp, processo n. 2022/14.669-6) e do Observatório da Religião e Interseccionalidades, ambos do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap). É doutora em direito internacional pela Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda em ciências sociais pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Contribuiu com a construção do argumento, análise dos dados, redação e revisão.

OLÍVIA ALVES BARBOSA [<https://orcid.org/0000-0001-8963-0241>] é doutoranda em antropologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e assistente de pesquisa do projeto Non Religion in a Complex Future. Contribuiu com a análise dos dados, redação e revisão.

Editora responsável: Renata Francisco.

Recebido para publicação
em 19 de abril de 2024.

Aprovado para publicação
em 10 de março de 2025.

NOVOS ESTUDOS

CEBRAP

131, jan.—abr. 2025
pp. 1-24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Asad, Talal. “A construção da religião como uma categoria antropológica”. *CADERNOS de Campo*, v. 19, n. 19, 2010, pp. 263-84.
- Austin, John. *How to Do Things with Words*. Oxford: Clarendon, 1962.
- Barbosa, Olívia Alves; Silva, Aramis Luis; Nagamine, Renata. “Direitos humanos e os trabalhos da imaginação: uma etnografia da ordenação da primeira reverenda trans da América Latina”. *Revista de Antropologia*, v. 66, 2021, pp. 1-25.
- Butler, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.
- Butler, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.
- Discurso da Bênção do Amor. Participação: Carmen Margerita Sánchez de León e Mariela Castro. Havana, Cuba, 14 mai. 2016. A gravação está em acervo privado dos pesquisadores.
- Discurso no foro de discussões “Religión, espiritualidad y sexualidad”. Participação: Carmen Margerita Sánchez de León e Mariela Castro. Havana, Cuba, 12 mai. 2016. A gravação está em acervo privado dos pesquisadores.
- Discurso proferido na Universidade de Ciências Médicas de Matanzas. Participação: Carmen Margerita Sánchez de León e Mariela Castro. Matanzas, Cuba, 17 mai. 2016. A gravação está em acervo privado dos pesquisadores.
- Felman, Shoshana. *O escândalo do corpo falante*. São Paulo: Ed. Unicamp, 2022.
- Green, James. “A luta pela igualdade: desejos, homossexualidade e a esquerda na América Latina”. *CADERNOS AEL*, v. 10, n. 18/19, 2003, pp. 15-41.
- Jesus, Fátima Weiss de. “A cruz e o arco-íris: refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma ‘igreja inclusiva’ no Brasil”. *Ciencias Sociales y Religión*, v. 12, n. 12, 2010, pp. 131-46.
- Jesus, Fátima Weiss de. *Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*. Tese (doutorado em antropologia social). Florianópolis: PPGAS/Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.
- La Fountain-Stokes, Lawrence. “1898 and the History of a Queer Puerto Rican Century: Gay Lives, Island Debates, and Diasporic Experience”. *Centro: Journal of the Center for Puerto Rican Studies*, v. 11, n. 1, 1999, pp. 91-109.
- Montero, Paula; Silva, Aramis Luis; Sales, Lilian. “Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública”. *Horizontes Antropológicos*, v. 24, n. 52, 2018, pp. 131-64.
- Natividade, Marcelo. “Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal”. *Religião & Sociedade*, v. 30, n. 2, 2010, pp. 90-121.
- Rosaldo, Michelle. “The Things We Do with Words: Ilongot Speech Acts and Speech Act Theory in Philosophy”. *Language and Society*, v. 11, n. 2, 1982, pp. 203-37.
- Searle, John. *Speech Acts*. Nova York: Cambridge University Press, 2011.
- Silva, Aramis Luis. “A homossexualidade de um militante cristão: identidades e práticas como objetos de reflexão política e teológica”. In: Montero, Paula (org.). *Religiões e controvérsias públicas*. Campinas: Ed. Unicamp, 2015, pp. 181-205.
- Silva, Aramis Luis. “Uma igreja em marcha. Relato etnográfico da participação da ICM na 20ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo”. *Ponto Urbe*, n. 19, 2016.

- Silva, Aramis Luis. "Brazilian Gay Pastorate in Mission to Cuba: Shaping a Transnational Community of Speech". In: Oosterbaan, Martijn; De Kamp, Linda van; Bahia, Joana (orgs.). *Global Trajectories of Brazilian Religion*. Londres: Bloomsbury, 2020, pp. 100-15.
- Silverstein, Michael. "Shifters, Linguistic Categories, and Cultural Description". In: Basso, Keith H.; Selby, Henry (orgs.). *The Meaning in Anthropology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1976.